



## A RELAÇÃO ENTRE A GORDOFOBIA E A MERITOCRACIA EM CIRCULAÇÃO PELO DIGITAL: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Néliane Catarina Simioni<sup>5</sup> – Universidade Estadual de Campinas

### Resumo:

O artigo apresenta a introdução da pesquisa “*A relação entre a gordofobia e a meritocracia em circulação pelo digital*”, que é realizada por meio da Análise de Discurso (AD) de Linha Francesa, proposta por Michel Pêcheux. Em andamento, a análise parte de um conjunto de posts que repercutiu entre duas redes sociais, o Twitter e o Instagram, em busca de decifrar as materialidades discursivas e compreender as condições de produção e a exterioridade que formam os discursos gordofóbicos e meritocratas do *corpus*. O trabalho é relevante para questionar os efeitos de sentidos que a gordofobia e a meritocracia movimentam em nossa sociedade, do século XX aos dias atuais, e para refletir acerca da tecnologia como parte em definitivo dos modos de existência do sujeito e da produção de seus sentidos e afetos.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Gordofobia. Meritocracia. Digital.

### Abstract:

The article presents the introduction of the research *The relationship between fatphobia and meritocracy in circulation through the digital*, which is carried out through the French Line Discourse Analysis (AD), proposed by Michel Pêcheux. In progress, the analysis starts from a set of posts that reverberated between two social medias, Twitter and Instagram, in an attempt to decipher the discursive materialities and understand the conditions of production and the exteriority that form the fatphobic and meritocratic discourses of the corpus. The work is relevant to question the effects of meanings that fatphobia and meritocracy move in our society, from the 20th century to the present day, and to reflect about the technology as a definitive part of the subject's modes of existence and the production of his senses and affections.

**Keywords:** Discourse analysis. Fatphobia. Meritocracy. Digital.

### 1. Introdução

Este artigo apresenta a introdução da pesquisa “*A relação entre a gordofobia e a meritocracia em circulação pelo digital*”, que propõe a análise de dois enunciados que circularam pelo digital, entre o Twitter<sup>6</sup> (rede social e serviço de microblog) e o Instagram<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Aluna no Mestrado de Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/IEL/Unicamp). Pós-graduada em Jornalismo Literário e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo. E-mail: [neliane.simioni@gmail.com](mailto:neliane.simioni@gmail.com).

<sup>6</sup> Twitter: é uma rede social e um serviço de microblog, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 280 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>. Acessado em: 20 nov. 2021.

<sup>7</sup> Instagram: rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>>. Acessado em: 20 nov. 2021.



(rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos), para investigar a relação entre a gordofobia e a meritocracia por meio da Análise de Discurso (AD) de Linha Francesa, concebida por Michel Pêcheux<sup>8</sup>.

Gordofobia é o termo que dá nome ao preconceito destinado às pessoas gordas. Embora seus efeitos sejam velhos conhecidos para quem sente a gordofobia em seu corpo, apenas recentemente a palavra foi inserida em nosso léxico. Em fevereiro de 2021, a Academia Brasileira de Letras apresentou em seu site<sup>9</sup>, na seção ‘Novas Palavras’, gordofobia junto à definição: “Repúdio ou aversão preconceituosa a pessoas gordas, que ocorre nas esferas afetiva, social e profissional.”

Por sua vez, a meritocracia é atualmente determinada pela retórica da ascensão social, com base no mérito e na moral. “A noção de que nosso destino reflete nosso mérito está arraigada nas instituições morais da cultura ocidental” (SANDEL, 2020, p. 53). Esta ideia se faz presente desde a teologia bíblica até em versões tradicionais da meritocracia política, como as de Confúcio, Platão e dos fundadores da república dos Estados Unidos (idem).

Obrigatoriamente esta pesquisa discorre a respeito dos sentidos dados ao corpo gordo e às pessoas gordas, mas é proposto um recorte de gênero - historicamente mulheres são as mais afetadas pelos ideais de beleza e pelas opressões sociais que se valem de um padrão estético que exalta a magreza, a branquitude e a juventude – além de raça e classe, uma vez que contextos sócio-históricos têm mostrado que o estigma do peso corporal perpassa estes marcadores.

Pela perspectiva discursiva, o que se pretende é destacar o funcionamento dos processos de significação dos enunciados de nosso *corpus*, quais seus efeitos de sentido sobre a mulher gorda e como a discursividade da gordofobia e da meritocracia se textualiza e estabiliza pelas redes de memória o processo de inscrever dizeres pelo digital.

Os sentidos sobre corpo, saúde e mérito estão fissurados pela memória nos dizeres, ainda que estes nunca serão os mesmos para todos os sujeitos. Apesar disso, estabeleceu-se em consenso dizeres sobre o corpo gordo como feio, imoral e doente; um corpo errado, que precisa ser “consertado”.

---

<sup>8</sup> Michel Pêcheux é o fundador da Análise de Discurso que teoriza como a linguagem está materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Disponível em <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/lerArtigo.lab?id=48&cedu=1>. Acessado em: 20 nov. 2021.

<sup>9</sup> Disponível em <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/gordofobia>>. Acessado em: 20 nov. 2021.



O dizível é organizado pelas redes de filiação histórica no funcionamento da memória discursiva (ZOPPI-FONTANA; JAFET CESTARI, 2014, p. 168) de forma que é produzida uma teia de sustentação que formula o que é beleza e saúde, e quais são os corpos que merecem ser afirmados como belos e saudáveis. Na AD a memória discursiva recebe o nome de interdiscurso: *alguma coisa fala antes, em outro lugar e independentemente* (ORLANDI, 2009). Essa voz sem nome, que de acordo com Orlandi também é anônima e atemporal, é marcada pelo Outro, a historicidade, a sociedade – afirmações que vão em direção ao funcionamento não linear do interdiscurso e do processo de produção de sentidos, e concorrem para a ilusão do sujeito como origem (idem).

Para a AD, a linguagem é irreduzível à ideologia e “é no discurso que o homem produz a realidade com a qual ele está em relação” (ORLANDI, 2007, p. 39). Sendo o discurso efeito de sentidos entre locutores (Pêcheux, 1969), ele é a materialidade específica da ideologia.

É neste ponto que esta pesquisa questiona: mas quem ou o quê dá estes sentidos? A análise movimenta-se por esta pergunta em busca de compreender o que torna a gordofobia, de fato, gordofobia, assim como em relação à meritocracia, a partir da evidência do sentido fornecida por uma formação discursiva que se estabelece pela determinação do interdiscurso no processo de identificação (Pêcheux, 1975).

No digital, estes sentidos são retomados, esquecidos e descolados pelo efeito da circulação.

Saber como se elabora um texto para que ele circule como circula no digital é saber elaborar teoricamente as novas formulações que hoje se produzem. [...] Logo, estabelecendo outros processos de significação, onde a noção de “informação” (em que a quantidade é estruturante) tem outro estatuto, outros modos de circulação” (ORLANDI, 2009, p. 64).

O tecnológico não é mero suporte do dizer (DIAS, 2004), por isso refletiremos a tecnologia como condição de produção dos discursos da gordofobia e do mérito, além da relação estabilizada entre eles. As leituras acerca dos movimentos destes discursos incluem como o *sujeito-gorda* é falado, inscrevendo sentidos autorizados a circularem sobre esta posição, que são afetados pelo ideológico que estabilizam consensos sobre beleza e saúde, validados pelo mérito.

A proposta deste trabalho tem como norte a compreensão da materialidade dos discursos da gordofobia e da meritocracia – a memória em relação a eles e os efeitos de sentidos movimentados por eles – sobretudo em busca de uma memória do futuro que possibilite novos dizeres (e leituras) sobre o corpo e a pessoa gorda. Eis seus recortes de análise:

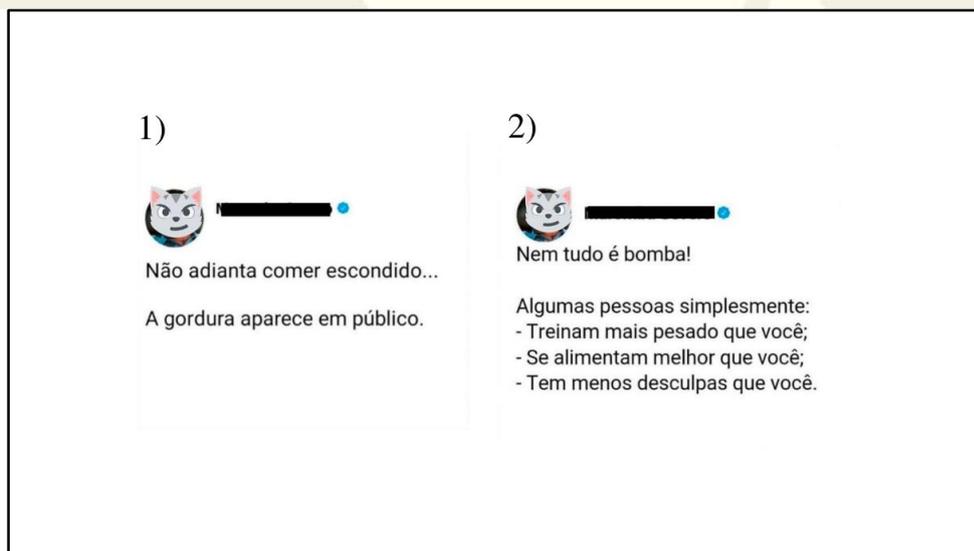


Imagem 1: Reprodução dos prints do Twitter publicados no Instagram.

## 2. Nomear para (r)existir – gordofobia

A pessoa gorda sente a gordofobia atravessar seu corpo e subjetividade muito antes da palavra ter seu significado definido pela língua portuguesa. Embora o termo gordofobia carregue o seu significado na própria composição do vocábulo gordo (substantivo masculino) + sufixo fobia (do grego phobía = medo) – como efeito ideológico temos gordofobia como o medo direcionado ao gordo –, a compreensão das implicações causadas pela discriminação está além de nosso léxico.

Em 2010, a jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum assinou o artigo “*Porca Gorda*”<sup>10</sup>, publicado pela Revista Época. Há consideravelmente bastante tempo, Brum se perguntou – e nos perguntou – “por que muitos acham as gordas (e os gordos) repugnantes? Por que o privilégio de não ser ridicularizado não foi estendido aos gordos?” (BRUM, 2010, online). A jornalista conta que trouxe estas indagações após assistir à peça *Gorda*, do dramaturgo e diretor americano Neil LaBute, que esteve em cartaz no teatro Procópio Ferreira, em São Paulo, com direção de Daniel Veronese. A atriz Fabiana Karla interpretou a protagonista Helena, mulher gorda que conhece Tony (Michel Bercovitch), um homem jovem, bem-sucedido e magro. Eles se cruzam em um restaurante e se apaixonam. O casal, no entanto, precisa lidar com a reação social diante da relação, descrita por Eliane como “a versão de amor impossível da nossa época”.

Em nenhum momento do artigo de Brum a discriminação vivida por Helena é nomeada como gordofobia, mas, ainda assim, sua leitura instiga a reflexão acerca do preconceito e suas

<sup>10</sup> Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI128156-15230.00-PORCA+GORDA.html>>. Acessado em 16 set. 2021.



diversas faces, passando pelo que diz o senso comum - o sentido estabilizado historicamente no social, fruto do instalado no imaginário - sobre as pessoas gordas.

A historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna se dedica há algumas décadas a estudar as relações entre o corpo e a cultura contemporânea. De acordo com ela, a sociedade começou a nutrir uma franca aversão pelos gordos pelo menos desde a década de 1920, porém nem sempre foi dessa forma.

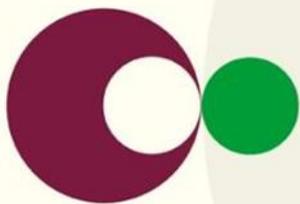
Foram inúmeras as sociedades que acolheram com alegria a presença dos gordos e desconfiaram da magreza, como se esta expressasse um déficit intolerável para com o mundo. Magreza lembrava doença e o peso do corpo não parecia um pesar. Entretanto, no decorrer deste século, os gordos precisaram fazer um esforço para emagrecer que lhes pareceu bem mais pesado do que o seu próprio peso (SANT'ANNA, 2001, p. 20-21).

Sant'Anna dá a pista para o início da investigação sobre a gordofobia: olhar para o século XX e seus contextos. O período é marcado pela passagem para o modo de vida urbano e capitalista e inúmeras foram as mudanças que ocorreram no processo produtivo, nas relações de trabalho, sociais, na política e na economia.

O primeiro supermercado considerado moderno no Brasil foi inaugurado em São Paulo, em 1953, com o nome de “Sirva-se”. Em seguida, com o surgimento do supermercado “Pão de Açúcar”, em 1959, e com a criação do “Peg-Pag”, nos anos 1960, o País ingressou na era do autosserviço e os brasileiros puderam, desde então, ter acesso direto aos alimentos dispostos em prateleiras.

Junto ao florescimento dos primeiros supermercados, as balanças para pesar o corpo ganharam maior visibilidade nas drogarias brasileiras. Similar à ideia de pegar e pagar, a popularização das balanças, a princípio mecânicas, significou a massificação da possibilidade de conhecer diariamente o próprio peso, bem como suas variações. Desde então, a identidade pessoal, além de ser formada pelo sexo, cor da pele, altura e idade, tendeu a incorporar o peso. Com os anos, as balanças ganharam formatos pequenos e práticos, tornaram-se digitais e foram incluídas no mobiliário de muitos banheiros residenciais. Pesas o corpo e saber o próprio peso deixou de ser uma raridade, assim como ir a um supermercado tornou-se rotina. (SANT'ANNA, 2016, p. 12 e 13).

Chegamos diretamente à identidade pessoal, corpo e peso – e há muito a ser aprofundado. Seremos norteados, ainda, pela questão colocada por Maria Rita Kehl no prefácio do livro *Corpos de Passagem* (2001), de Sant'Anna: “afinal, o que vem a ser um corpo?”.



O que é um corpo: um conjunto de órgãos, reflexos, sensações? um conjunto de órgãos, reflexos, etc., que se reconhece em uma imagem mais ou menos estável? um conjunto de órgãos + a sua imagem + os discursos que o designam e o valorizam? Ao que se acresce um ritmo, uma velocidade, acelerações e desacelerações; territórios geográficos e territórios imaginários; e também suas extensões mecânicas, estéticas, médicas: um corpo é um corpo e seu automóvel, um corpo e suas roupas, um corpo e seus remédios. E o Outro, e os outros que o rodeiam, vivos ou mortos. Um corpo é um corpo e os outros corpos que o sustentam, acariciam, recusam, barram, outros corpos contra os quais ele se bate ou com os quais, temporariamente, se confunde. Um corpo é o corpo e os corpos que lhe deram origem. Um corpo é o corpo e o vazio dos corpos ao seu redor. Um corpo inclui o sentido e o sem sentido da vida e a dura noção da morte, que o acompanha desde a origem até o final certo. Por isso tudo, nossos corpos nos pertencem muito menos do que acreditamos. Não são propriedades nossas – eles nos ultrapassam. Eles são falados e “incorporados” pela ideologia, pelo mercado, pelas diversas modalidades da microfísica do poder. (KEHL, 2001)

Podemos concluir, em suma, que o corpo é processo histórico-social, assim como os padrões de beleza. Assim como a língua, elementos constituintes de um sujeito. E como considera Orlandi (1996), “o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído”. Por sua vez, nomear a gordofobia, preconceito reforçado por discursos da saúde, da mídia, da propaganda, entre outros, é um pequeno passo, pois “coloca em nosso léxico aquilo que, muitos, ainda dizem que não existe” (ARRUDA, 2021, online).

### 3. Formulações sobre a meritocracia

O filósofo Michael J. Sandel, autor de *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?*, defende que “em uma sociedade desigual, aqueles que alcançam o topo querem acreditar que seu sucesso tem justificativa moral. Em uma sociedade de meritocracia, isso significa que os vencedores devem acreditar que conquistaram o sucesso através do próprio talento e empenho” (SANDEL, 2020, p.22).

Para entender a ascensão dos discursos do mérito também é necessário se concentrar no século XX, período que se relaciona com a mundialização e a globalização, que não são processos lineares, mas carregam a formação ideológica capitalista. No contexto da internet, a informação se constituiu enquanto estratégia da economia política do liberalismo que, no século 21, recorre à ideia de ‘sociedade de mercado’ para propor um modelo de organização social.

De acordo com Sandel (2020), a era da globalização distribuiu suas recompensas de forma desigual, o que ocasionou mudanças nos termos de reconhecimento e estima social. Ele usa os Estados Unidos como exemplo, país onde a maior parte da renda nacional desde o final dos anos 1970 foi para os 10% do topo, enquanto a metade inferior recebeu praticamente nada. “Mas nem mesmo essa explosão de desigualdade é a fonte principal da raiva populista. Estadunidenses há muito tempo toleram desigualdade de renda e riqueza, acreditando que, seja



qual for o ponto de partida de uma pessoa na vida, é possível ascender dos trapos à opulência. Essa crença na possibilidade de ascensão está no centro do Sonho Americano” (SANDEL, 2020, p. 35).

O Sonho Americano carrega uma variedade de ideias de liberdade e difunde que o sucesso e a prosperidade podem ser alcançados através de trabalho duro, com determinação e dedicação, em uma sociedade sem obstáculos. Virgie Tovar, uma das principais especialistas em discriminação baseada no peso e imagem corporal da atualidade, chama a prática do sonho americano de *bootstrapping*. Para ela, este é um dos principais pilares da estética e da ideologia americanas. E um dos pilares da cultura da dieta (TOVAR, 2018).

Nos EUA, o destino é aquilo que cada pessoa semeia para si. O fracasso é um problema individual, não um problema coletivo, cultural ou político. A ideia é que, se você não tem algo, é porque não quer o bastante, ou não se esforça o suficiente. Embora o fascínio desse conceito seja inegável, não há muito espaço para algo como injustiça histórica nesta narrativa. (TOVAR, 2018, p. 26)

É válido destacar como o termo *bootstrapping* ganhou sentido atualmente junto ao empreendedorismo e ocorre quando o empreendedor investe seus próprios recursos na empresa e não recebe ajuda externa nem fonte de apoio ou investimento.

Um salto para *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, livro organizado por Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker. Na obra, o leitor é levado a acompanhar como o modo de produção neoliberal construiu uma nova forma de sofrimento que se entranhou em nossas vidas ao modo de uma moralidade indiscutível. O modelo socioeconômico do neoliberalismo é afirmado como gestor do sofrimento psíquico por disseminar discursos que produzem sujeitos estruturados como empresas.

A escolha em abordar o neoliberalismo não apenas como modelo socioeconômico, mas também como gestor do sofrimento psíquico se impôs a nós como resultado da natureza disciplinar de seu discurso, no qual categorias morais e psicológicas são constantemente utilizadas como pressupostos silenciosos da ação econômica. Ações econômicas são justificadas nem sempre devido à sua eficácia propriamente econômica na produção e circulação de riquezas, mas devido à sua pretensa justiça moral na realização social da liberdade. (SAFATLE, JUNIOR, DUNKER, 2020, p. 9)

De acordo com os autores, a força no neoliberalismo é performativa. “Ela não atua meramente como coerção comportamental, ao modo de uma disciplina que regula ideias, identificações e visões de mundo. Ela molda nossos desejos” (ibidem, 2020, p. 11). Tal ação leva sujeitos a recodificarem identidades, valores e modos de vidas por meios dos quais



indivíduos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que representam de si próprios (ibidem, 2020).

#### 4. Considerações finais

Neste sentido, retomando o recorte de análise aqui apresentado, “Nem tudo é bomba! Algumas pessoas simplesmente: treinam mais pesado que você; se alimentam melhor que você, tem menos desculpas que você”, podemos elaborar questões a partir do termo ‘você’, que convoca um “eles” e marca uma segregação inicial, que indica um time de pessoas que não usa esteroides anabolizantes, treina pesado, se alimenta bem e não tem desculpas. Há uma relação superlativa de superioridade e inferioridade em funcionamento no post e ‘você’ não é parte deste time.

Para Orlandi, a formação ideológica capitalista dominante é praticada através de inúmeras formações discursivas que manifestam na linguagem o fato de que o capitalismo se mantém em sua dominância, praticando-se sustentado por um mal-estar de raiz: o preconceito (ORLANDI, 2007).

Por que as pessoas que treinam mais pesado que ‘você’ e se alimentam melhor que ‘você’ são melhores que ‘você’? Ou, ainda, por que há um ‘você’ que é julgado como alguém que dá desculpas se não treina ou se alimenta como ‘eles’? Nestas estruturas, quem é ‘você’ e quem são ‘eles’?

Esta breve análise compreende as condições de produção e os efeitos de sentidos movimentados a respeito da gordofobia e da meritocracia, considerando o digital como condição de existência e desdobramento de tais discursividades. De acordo com a Análise de Discurso, compreender envolve saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, entre outros) produz sentidos e como as interpretações funcionam. Esse gesto permite que se possam “escutar” outros sentidos, abrangendo como eles se constituem (ORLANDI, 2000).

Retomemos o enunciado do recorte de análise 1 e seu enunciado “Não adianta comer escondido... a gordura aparece em público.” Como se consolidaram as ideias sobre o comer como algo errado, que precisa ser feito escondido, e que ter gordura em seu corpo e desfrutar dele em público é um problema?

Neste caldeirão, o corpo sempre foi essencialmente plástico frente à cultura. Desta forma, não surpreende constatar que a pessoa gorda é vista como alguém que não se esforçou



o suficiente para emagrecer, ideia de um consenso imaginário sustentado por uma concepção de vínculo social que conduz à segregação e afirma o corpo gordo como feio, doente e errado.

Tovar explica que a cultura da dieta ensina especialmente para as mulheres que é obrigatório perder peso por qualquer meio necessário. A autora aponta que os alvos e bodes expiatórios da gordofobia são as pessoas gordas, mas que sua ideologia intolerante acaba atingindo a todos, uma vez que somos parte de um destes grupos: ou vivemos a mordaz realidade do preconceito gordofóbico ou temos medo de nos tornar alvo dele, pois sabemos o tratamento que pessoas gordas recebem na sociedade (TOVAR, 2018). “Então, a gordofobia usa o tratamento de pessoas gordas como uma forma de controlar o tamanho do corpo de todas as outras pessoas”, (p. 12).

A ideia de que somos agentes humanos livres, capazes de ascender e de obter sucesso por meio do esforço próprio é apenas um aspecto da meritocracia. Igualmente importante é a convicção de que as pessoas bem-sucedidas merecem seu sucesso. Esse aspecto triunfalista da meritocracia gera arrogância entre vencedores e humilhação entre perdedores. (SANDEL, 2020, p. 61)

Todos estes sistemas não são estáticos e se transformam. Sabemos que é um trabalho árduo contrariar a norma e reivindicar a naturalização do corpo gordo. Interessa-nos pensar nos sentidos que a dominação e a resistência tomam nessa relação, pois tanto a estruturação quanto a desestruturação destes movimentos podem interferir na sociedade e na história.

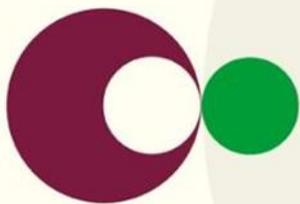
A premissa para adentrarmos na amálgama da gordofobia à meritocracia é inspirada em uma explanação de Virgie Tovar, que lembra que qualquer futuro que não seja centrado na erradicação da opressão e na liberdade coletiva não é um futuro que valha a pena imaginar (TOVAR, 2018). Assim como a autora, acreditamos que a liberdade (ou a liberdade possível a cada sujeito) jamais será obtida por meio da conformidade.

## Referências

ARRUDA, Agnes. A palavra da semana é: gordofobia. *Tamanho Grande*, 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLXYB2YpJqI/>. Acesso em: 11 de nov. de 2021.

BRUM, Eliane. “Porca gorda”. *Revista Época*, 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI128156-15230,00-PORCA+GORDA.html>. Acesso em: 11 de nov. de 2021.

DIAS, Cristiane. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv*, 2004. Tese de doutorado, Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas.



ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Historicidade, Indivíduo e Sociedade: O sujeito na Contemporaneidade. Anais do SEAD - Seminários de Estudos em Análise de Discurso*, 2007.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso* (1969). Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Trad. Eni Orlandi [et al.]. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

SAFATLE, Vladimir. JUNIOR, Nelson da Silva. DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANDEL, Michael J. *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. *Corpos de Passagem – Ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. *Gordos, magros e obesos: uma história de peso no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

TOVAR, Virgie. *Meu corpo, minhas medidas*. São Paulo: Primavera Editorial, 2018.

ZOPPI-FONTANA, M.; JAFET CESTARU, M. Cara de empregada doméstica – Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. *Revista Rua* (Unicamp), v. 20, 2014, p. 167-185.